

"CELEBREMOS A VIDA"



LEMA 2025/2026
MOTIVAÇÃO



INTRODUÇÃO AO LEMA “CELEBREMOS A VIDA”

À partida, não parece necessário explicar o significado do lema “Celebremos a vida”. Na verdade, uma das razões pelas quais o mesmo foi escolhido é justamente porque as celebrações são algo tão natural na espécie humana que não precisam de ser explicadas. Até as crianças mais novas sabem o que é uma festa. Celebrar é algo que nos constitui antropologicamente.

Contudo, há alguns aspetos que queremos destacar em particular. Porque o que queremos celebrar é a Vida. E porque há muitas maneiras de celebrar, e queremos fazê-lo com os valores e o estilo de Marcelino Champagnat, que viu como Jesus e Maria o fizeram. Portanto, vamos prestar atenção aos seguintes aspetos:

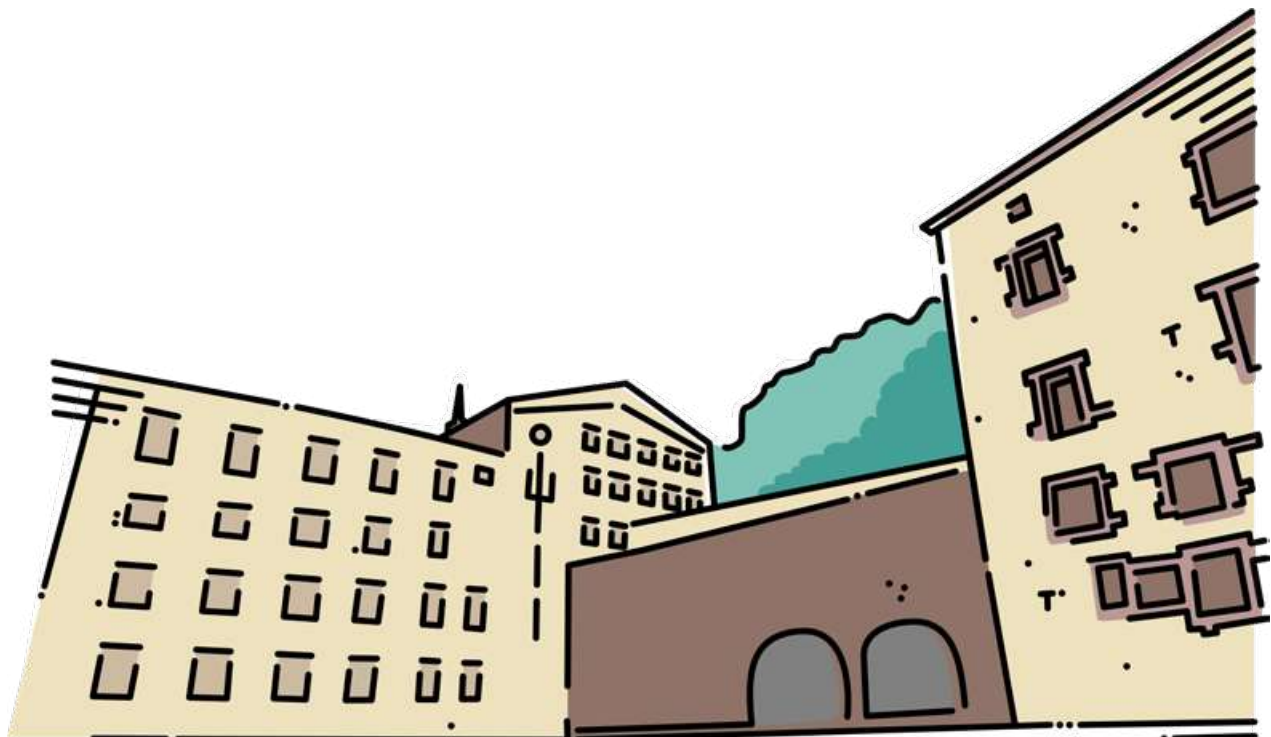
- A ideia de celebrar está intimamente ligada à ideia de comunidade ou família. Festejamos sempre com alguém. Convidamos ou somos convidados para uma festa de aniversário, um casamento ou uma licenciatura. Enchemos as ruas das aldeias no dia de Carnaval ou reunimo-nos nas salas de jantar das nossas casas na véspera de Natal. O espírito de família é precisamente um dos valores maristas que podemos destacar neste ano letivo, reforçando o sentido de comunidade e fraternidade que é fundamental nas nossas obras educativas. A imagem da mesa de La Valla ou da casa de L’Hermitage, da qual celebramos os 200 anos de construção, pode servir de inspiração. Os lemas dos dois últimos anos (“Estás em casa” e “Conta comigo”) foram um belo preâmbulo para o desenvolvimento da fraternidade. E o lema deste ano convida-nos novamente, enquanto Maristas, a prestar atenção ao espírito de família que se vive nas comunidades e nas obras educativas. Celebremos a Vida para reconhecer e valorizar cada momento, para fortalecer os laços comunitários e para promover o bem-estar integral de todos os seus membros.
- O lema “Celebremos a vida” convida toda a comunidade educativa a se concentrar nos aspetos positivos e alegres da vida. Num mundo onde notícias negativas e desafios podem ser avassaladores, esse lema promove uma atitude otimista e esperançosa, onde a alegria é um testemunho de que outra vida e outro mundo são possíveis (Flp 4,4-5). Na esteira dos recentes desafios globais, incluindo a pandemia de COVID-19 ou as múltiplas guerras no mundo, a esperança no Deus da Vida é uma virtude fundamental que devemos oferecer mais uma vez. Celebrar a Vida envolve reconhecer as dificuldades superadas e as lições aprendidas, promovendo a resiliência como uma capacidade crucial para alunos e educadores. Esse lema pode ajudar-nos a ver cada dia como uma oportunidade de crescer e aprender, apesar das adversidades.
- Cada celebração é geralmente antecedida por um convite. Quando preparamos um casamento ou um aniversário, as primeiras perguntas que surgem são: Com quem queremos comemorar? Quem vamos convidar? Nas obras educativas maristas, o critério de Jesus deve prevalecer. O Papa Francisco explicou-o bem na JMJ de Lisboa: “Na Igreja ninguém é supérfluo, ninguém é demais, há espaço para todos, tal e qual como somos, todos nós. É também Jesus quem o diz claramente quando manda os apóstolos chamar as pessoas para o banquete daquele senhor que o preparara... Ele diz: “Ide e trazei todos: jovens e velhos, sãos e doentes, justos e pecadores. Todos. Todos. Todos. Na Igreja há lugar para todos.”
- Portanto, celebrar a Vida também envolve celebrar a diversidade e as distintas experiências e perspetivas que cada pessoa traz para a nossa sociedade. Este lema pode promover uma cultura de encontro, inclusão e respeito, onde cada membro da comunidade educativa se sinta valorizado.





- Mas há mais. Jesus usava a imagem do banquete para falar do Reino de Deus. Na parábola diz que, quando os primeiros convidados rejeitam a oferta, o rei diz ao seu servo: "Vai depressa para as praças e ruas da cidade e traz para aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos". (Lc 14, 21). Isto é, traz toda a gente. Mas prestando sobretudo atenção aos mais necessitados, aos que se sentem excluídos, aos que precisam de espaços para celebrar a Vida porque, muitas vezes, não conseguem ou não encontram nela sentido. Marcelino começou a sua missão para todos, mas essa missão nasceu da experiência com o jovem Montagne. Não esqueçamos, pois, todos os que são descartados e os que sofrem, coloquemo-los no centro da nossa celebração. Que este lema não seja uma desculpa para fugir, mas antes um motivo para um maior compromisso com a Vida e, consequentemente, com a paz, a solidariedade e a justiça.
- O lema "Celebremos a vida" serve também para questionar que vida é que queremos celebrar. Na nossa sociedade promovem-se modelos de vida marcados pelo individualismo, pelo hedonismo e pelo consumismo. Francisco adverte-nos na *Evangelii Gaudium*: "O grande risco do mundo de hoje, com a sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração confortável e ganancioso, da procura doentia de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem." Se escrevemos Vida com maiúscula é porque queremos propor uma vida autêntica, verdadeiramente, a caminho. Uma vida que não é pré-fabricada ou rotulada. Uma vida aberta para que cada pessoa descubra os seus dons e desenvolva a sua vocação. Uma vida que nos foi dada e é Vida em abundância (Jo 10, 10). Uma vida que merece ser celebrada apesar de todos os erros que possamos cometer.

Concluindo, celebrar a Vida é muito mais do que apenas um lema. É um compromisso com a comunidade, um convite à esperança, um apelo à inclusão e uma busca constante por uma vida autêntica e plena. Ao celebrar a Vida, elevamos os valores maristas e construímos juntos um futuro mais justo, solidário e esperançoso. Convidemos toda a comunidade a unir-se a esta celebração, a vivê-la intensamente e a difundir este espírito a quantos nos rodeiam.





NO EVANGELHO: Jesus celebra a vida e a sua vida é motivo de celebração

Jesus adoraria o lema «Celebremos a Vida». Como bom judeu que era, ele participava nas celebrações religiosas de seu povo. No Novo Testamento, notamos a sua participação na Festa dos Tabernáculos ou Sucot (Jo 7,2), na Festa das Luzes ou Hannukah (Jo 10,22), na celebração de Pentecostes ou Shavuot (At 2,1) e, claro, na Páscoa judaica ou Pesaj (Lc 2,41). Também como um bom judeu, ele orava recitando os salmos. Quantas vezes os seus lábios devem ter pronunciado esses preciosos versículos do salmista!

Sal 63 (62)

*Por isso os meus lábios te louvarão.
Quero bendizer-te toda a minha vida
e em louvor do teu nome erguer as minhas mãos.
Como a minha alma se delicia com leite e abundância,
os meus lábios te louvarão em expressões de júbilo.*



Jesus não viveu sua religiosidade de forma ascética, retirando-se do mundo. A sua maneira de viver em Deus era fazê-lo a partir do mais humano e em comunidade. Ele era crítico e exigente, mas também gostava de partilhar alegria com os seus entes queridos. De facto, no Evangelho de João, a primeira apresentação da vida pública de Jesus será nas Bodas de Caná e consiste em transformar água em vinho para que a festa não se torne um fiasco.

As Bodas de Caná (Jo 2, 1-11)

Ao terceiro dia houve uma boda em Caná da Galileia e a Mãe de Jesus estava lá. Também Jesus e os seus discípulos foram chamados para a boda. Tendo faltado vinho, a Mãe de Jesus disse-lhe:

«Não têm vinho».

Disse-lhe Jesus:

«Que há entre mim e ti, mulher? Ainda não chegou a minha hora!».

A sua Mãe disse aos serventes:

«Fazei o que Ele vos disser».

Ora, estavam ali colocadas seis talhas de pedra para a purificação dos judeus, cada uma com capacidade para duas ou três medidas. Disse-lhes Jesus:

«Enchei as talhas de água».

E encheram-nas até cima. E disse-lhes:

«Tirai agora um pouco, e levai-o ao chefe de mesa».

E eles levaram. Quando o chefe de mesa provou a água tornada vinho – ele não sabia de onde era, mas sabiam os serventes, que tinham tirado a água –, o chefe de mesa chamou o noivo e disse-lhe:

«Todos põem primeiro o vinho bom e, quando estão embriagados, o inferior. Tu guardaste o melhor vinho até agora!».

Foi este o princípio dos sinais que Jesus realizou em Caná da Galileia; manifestou a sua glória e os seus discípulos acreditaram nele.

Em muitas passagens do Evangelho, vemos Jesus ao redor de uma mesa, comendo e celebrando. Para além disso, sabemos que, quebrando todos os sistemas de exclusão da religiosidade de seu tempo, Jesus gostava de comer com todo tipo de companhia e que os seus inimigos chamavam-no glutão e bebedor.



Mt 11, 16-19

"A quem hei de comparar esta geração? É semelhante às crianças sentadas nas praças públicas que, interpelando as outras, dizem: 'Tocámos flauta para vós e não dançastes, entoámos lamentações e não batestes no peito'. Veio João, que não come nem bebe, e dizem: 'Tem um demónio!'. Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizem: 'Eis um homem comilão e beberrão, amigo de publicanos e pecadores'. Mas a sabedoria foi justificada pelas Suas obras».

Na tradição judaica, a imagem do banquete era usada para se referir à Vida plena em Deus. Já aos hebreus escravizados no Egito foi prometida a liberdade em "uma terra onde corre leite e mel" (Ex 3, 17). A participação de Jesus nas refeições e celebrações era um sinal visível dessa promessa. E Ele costumava usar a imagem do banquete nas suas parábolas, mas dando-lhe também uma nuance especial: este banquete era especialmente destinado àqueles que normalmente deixamos de fora.

Parábola do banquete (Lc 14 15, -24)

Ao ouvir isto, um dos que estavam reclinados à mesa com Ele disse-lhe:

«Feliz o que comer pão no reino de Deus».

Ele disse-lhe:

«Um certo homem fez um grande banquete e convidou muita gente. E enviou o seu servo à hora do banquete para dizer aos convidados: "Vinde, que já está pronto". E um a um começaram todos a desculpar-se. O primeiro disse-lhe: "Comprei um campo e tenho necessidade de ir vê-lo; peço-te que me desculpes". Outro disse: "Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las; peço-te que me desculpes". Outro disse: "Desposei uma mulher e, por isso, não posso ir".

Ao regressar, o servo anunciou tudo isso ao seu senhor. Então o senhor da casa, irado, disse ao seu servo: "Sai depressa para as praças e ruas da cidade e traz para aqui os pobres, aleijados, cegos e coxos". Disse o servo: "Senhor, fiz o que mandaste, e ainda há lugares". Disse o senhor ao servo: "Sai pelos caminhos e veredas e força-os a entrar para que se encha a minha casa. Pois digo-vos: nenhum daqueles homens que foram convidados provará do meu banquete"».

Quando dizemos que o Reino de Deus, a Vida em Deus, é para todos, devemos lembrar que também é para cada um de nós. Fomos convidados, mesmo que muitas vezes sintamos que não somos suficientemente merecedores. O Deus de Jesus não é um Deus legalista que anda a controlar os nossos erros, mas o Deus da Vida e da misericórdia. Ele está desejoso de que percebamos isto e que retornemos a Ele para celebrar.

Parábola do pai misericordioso (Lc 15, 11-32)

Disse ainda: «Um homem tinha dois filhos. O mais novo deles disse ao pai: "Pai, dá-me a parte dos bens que me toca". O pai repartiu os bens entre eles. Não muitos dias depois, o filho mais novo, juntando tudo, partiu para uma região distante e aí esbanjou os seus bens, vivendo dissolutamente. Depois de ele gastar tudo, surgiu uma grande fome naquela região, e ele começou a passar privações.

Uniu-se, então, a um dos cidadãos daquela região, que o mandou para os seus campos guardar porcos. Desejava saciar-se com as bolotas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava.

Então, caindo em si, disse: "Quantos assalariados de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui morro de fome! Vou levantar-me, ter com meu pai e dizer-lhe: 'Pai, pequei contra o céu e para contigo; não mais sou digno de ser chamado teu filho. Trata-me como um dos teus assalariados'". E levantando-se foi ter com o seu pai.



Ainda ele estava longe, quando o seu pai o viu e se compadeceu profundamente; correndo, então, lançou-se-lhe ao pescoço e beijou-o repetidamente. Disse-lhe o filho: "Pai, pequei contra o céu e para contigo; não mais sou digno de ser chamado teu filho".

O pai, porém, disse aos seus servos: "Trazei depressa a melhor veste e vesti-lha, dai-lhe um anel para a sua mão e sandálias para os pés; trazei o vitelo gordo, matai-o e festejemos comendo, porque o meu filho estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado". E começaram a festejar.

Ora, o seu filho mais velho estava no campo. Quando voltou e se aproximou da casa, ouviu músicas e danças, chamou um dos servos e procurou saber o que era aquilo. Ele disse-lhe: "O teu irmão voltou, e o teu pai matou o vitelo gordo, porque o recebeu de volta são e salvo". Ficou irado e não queria entrar, mas o seu pai saiu para lhe suplicar. Em resposta, disse ao seu pai: "Eis que há tantos anos te sirvo, nunca transgredi uma ordem tua e nunca me deste um cabrito para eu festejar com os meus amigos. Mas, quando veio esse teu filho, que devorou os teus bens com prostitutas, mataste-lhe o vitelo gordo". Ele disse-lhe: "Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu; mas era necessário festejar e alegrarmo-nos, porque este teu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado"».

Recebemos a promessa de uma vida plena. Para alcançá-la, devemos escolhê-la a partir da liberdade e desenvolvê-la dentro de nós mesmos. A Palavra e o Espírito de Jesus foram-nos dados gratuitamente para isso.

O semeador (Mt 13, 3-18)

Falou-lhes, então, de muitas coisas em parábolas, dizendo: «Eis que saiu o semeador a semear. E, ao semear, uma parte caiu junto ao caminho: vieram as aves e devoraram-na. Outra parte caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra, e imediatamente germinou, por não ter profundidade de terra. Ao despontar o sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou. Outra parte caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e abafaram-na. Outra parte, porém, caiu em terra boa e deu fruto: ora cem, ora sessenta, ora trinta. Quem tem ouvidos, ouça».

Gl 6,8

Porque aquele que semeia na sua própria carne, da carne há de colher corrupção; e aquele que semeia no Espírito, do Espírito há de colher vida eterna.

E se não pudermos fazê-lo por nossos próprios meios, o Deus da Vida e da misericórdia trabalha para que todos possamos alcançá-Lo. Não viemos ao mundo para sofrer, mas para encontrar vida em abundância. Que este lema nos sirva para agradecer e celebrar o grande dom da vida.

Vida em abundância (Jn 10, 7-11)

Disse, então, Jesus, de novo: "Amen, amen vos digo: Eu sou a porta das ovelhas. Todos os que vieram antes de mim são ladrões e salteadores, mas as ovelhas não os ouviram. Eu sou a porta: se alguém entrar através de mim, será salvo; entrará e sairá e encontrará pastagem. O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir; Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância. Eu sou o bom pastor: o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas."





NA IGREJA: O Papa.Francisco convida-nos a celebrar a vida

Precisamos de uma imagem de uma Igreja diferente, porque, com frequência, o Papa Francisco afirma que a vida e a missão da Igreja são fundamentalmente alegria, felicidade e paixão. O seu pontificado começou com uma primeira exortação apostólica, de forte significado missionário, intitulada precisamente "A alegria do Evangelho" (Evangelii Gaudium, 2013).

EG1

A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria.

Nela, ele insiste em que a alegria que nasce do encontro com Jesus faz nascer o desejo de sair para partilhar e agradecer o dom recebido com o mundo inteiro e celebrá-lo em comunidade.

EG 24

[...] a comunidade evangelizadora jubilosa sabe sempre «festejar»: celebra e festeja cada pequena vitória, cada passo em frente na evangelização. No meio desta exigência diária de fazer avançar o bem, a evangelização jubilosa torna-se beleza na liturgia. A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte dum renovado impulso para se dar.

Esta ideia é um mote do seu magistério. Por exemplo, em 2016, ele escreveu outra exortação apostólica que também traz a palavra "alegria" no título: *Amoris Laetitia* ou "A Alegria do Amor". Nela, ele desenvolve as conclusões do Sínodo sobre a família e fala-nos da família como uma comunidade nuclear na qual celebrar a vida.

AL 226

Ao mesmo tempo, porém, é bom vencer a rotina com a festa, não perder a capacidade de celebrar em família, alegrar-se e festejar as experiências belas. Precisam de partilhar a surpresa pelos dons de Deus e alimentar, juntos, o entusiasmo pela vida. Quando se sabe celebrar, esta capacidade renova a energia do amor, liberta-o da monotonia e enche de cor e esperança os hábitos diários.

AL 110

[...] nosso Senhor aprecia de modo especial quem se alegra com a felicidade do outro. Se não alimentamos a nossa capacidade de rejubilar como bem do outro, concentrando-nos sobretudo nas nossas próprias necessidades, condenamo-nos a viver com pouca alegria, porque – como disse Jesus – «a felicidade está mais em dar do que em receber» (At 20, 35). A família deve ser sempre o lugar onde uma pessoa que consegue algo de bom na vida, sabe que ali se vão congratular com ela.

Há até uma terceira exortação apostólica de Francisco que fala de alegria: *Gaudete et exultate* ou "Alegrai-vos e exultai". Este documento, publicado em 2018, é sobre a santidade à qual todos somos chamados. E, novamente, longe de uma imagem da santidade como uma disciplina ascética que busca o sofrimento como redenção, Francisco propõe alegria e celebração como sinais de um vínculo autêntico com Deus.

GE 122

O que ficou dito até agora não implica um espírito retraído, tristonho, amargo, melancólico ou um perfil sumido, sem energia. O santo é capaz de viver com alegria e sentido de humor. Sem perder o realismo, ilumina os outros com um espírito positivo e rico de esperança. Ser cristão é «alegria no Espírito Santo» (Rm 14, 17), porque, «do amor de caridade,



segue-se necessariamente a alegria. Pois quem ama sempre se alegra na união com o amado. (...) Daí que a consequência da caridade seja a alegria».[99] Recebemos a beleza da sua Palavra e abraçamo-la «em plena tribulação, com a alegria do Espírito Santo» (1 Ts 1, 6). Se deixarmos que o Senhor nos arranque da nossa concha e mude a nossa vida, então poderemos realizar o que pedia São Paulo: «Alegrai-vos sempre no Senhor! De novo o digo: alegrai-vos!» (Flp 4, 4).

Até agora, vimos que o Papa Francisco entende que a espiritualidade cristã está diretamente ligada à alegria e à celebração. Sem perder o rigor necessário, o seu discurso é caracterizado por aquela dose de flexibilidade necessária diante da norma, essencial para que o coração permaneça aberto e generoso, e não se torne um coração de pedra fechado à Vida. É a espiritualidade de Jesus que, sendo um crente exigente, sempre teve clareza sobre o sentido último da vontade de Deus: «Misericórdia quero, e não sacrifícios» (Os 6, 6). Essa é a Vida em letras maiúsculas, a vida de verdade.

GE1

O Senhor pede tudo e, em troca, oferece a vida verdadeira, a felicidade para a qual fomos criados.

É por isso que é necessário distinguir entre uma alegria superficial e a verdadeira alegria que vem de Deus. Na *Evangelii gaudium* já foi proposto um critério fundamental de discernimento: é uma alegria que nos absorve ou é uma alegria que nos abre aos outros?

EG 2

O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem ferve o entusiasmo de fazer o bem.

Está correto. A vida a ser celebrada é a vida que é partilhada com os outros. Francisco dedicou a encíclica *Fratelli Tutti* de 2020 à fraternidade e à amizade social. A vida que vale a pena viver e celebrar é aquela que não guardamos para nós mesmos, mas que dedicamos de corpo e alma aos outros.

FT 87

Isso explica por que ninguém pode experimentar o valor de viver, sem rostos concretos a quem amar. Aqui está um segredo da existência humana autêntica, já que «a vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade; e é uma vida mais forte do que a morte, quando se constrói sobre verdadeiras relações e vínculos de fidelidade.

FT 215

«A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida». Já várias vezes convidei a fazer crescer uma cultura do encontro que supere as dialéticas que colocam um contra o outro. É um estilo de vida que tende a formar aquele poliedro que tem muitas faces, muitos lados, mas todos compõem uma unidade rica de matizes, porque «o todo é superior à parte». O poliedro representa uma sociedade onde as diferenças convivem integrando-se, enriquecendo-se e iluminando-se reciprocamente, embora isso envolva discussões e desconfianças.

E quem são os outros? Quem é o vizinho, o próximo de quem devo cuidar? Sabemos muito bem a resposta, mesmo que seja difícil pô-la em prática. Uma vez perguntaram o mesmo a Jesus e ele respondeu com a parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37). Francisco insistiu, no discurso de boas-vindas da JMJ 2023, em Lisboa, que a Igreja deve ser uma casa aberta para todos, todos, todos:



"Amigos, gostaria de ser claro com vocês, que são alérgicos à falsidade e às palavras vazias: na Igreja há espaço para todos, para todos! Na Igreja ninguém está a mais, ninguém é supérfluo, há espaço para todos, assim como nós, todos nós. E é o mesmo Jesus que o diz claramente quando envia os apóstolos a convidar paera o banquete daquele homem que o tinha preparado. Ele diz: ide e trazei todos: jovens e velhos, sãos e doentes, justos e pecadores, todos, todos. Na Igreja há espaço para todos. 'Pai, mas eu sou um miserável, sou um desgraçada. Há espaço para mim? Há espaço para todos. Todos juntos, cada um na sua língua, repitam comigo: Todos, todos, todos! Não se houve..., mais uma vez:, todos, todos, todos! E esta é a Igreja, a Mãe de todos! Há espaço para todos!"

Por último, uma nota sobre o estilo celebrativo. Quando Francisco fala de celebrar a vida, ele não o faz a partir da perspectiva da opulência e do espetáculo. A verdadeira vida é compartilhada a partir da simplicidade, autenticidade e sobriedade. Na encíclica *Laudato si'* de 2015, dedicada ao cuidado da nossa casa comum, Francisco diz-nos que há uma alternativa ao modelo de felicidade que propõe o consumismo.

LS 223

A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário. Com efeito, as pessoas que saboreiam mais e vivem melhor cada momento são aquelas que deixam de debicar aqui e ali, sempre à procura do que não têm, e experimentam o que significa dar apreço a cada pessoa e a cada coisa, aprendem a familiarizar com as coisas mais simples e sabem alegrar-se com elas. Deste modo conseguem reduzir o número das necessidades insatisfeitas e diminuem o cansaço e a ansiedade. É possível necessitar de pouco e viver muito, sobretudo quando se é capaz de dar espaço a outros prazeres, encontrando satisfação nos encontros fraternos, no serviço, na frutificação dos próprios carismas, na música e na arte, no contacto com a natureza, na NA TRADIÇÃO MARISTA:





NA TRADIÇÃO MARISTA: Celebrar a vida é sinal de fraternidade

A vida marista nasceu em torno da mesa de La Valla e o que foi partilhado naquela mesa deu força para continuar na missão, tanto física quanto espiritualmente. Marcelino e os primeiros Irmãos descobriram na alegria da fraternidade um motivo para celebrar a Vida. Uma alegria que foi um dom e que, portanto, tinha que ser levada a todas as dioceses do mundo. E isso reflete-se nas Constituciones dos irmãos.

Constituições e Estatutos 36

Vivemos nossa fraternidade inspirados no espírito de família do Fundador e dos primeiros irmãos, fazendo com que seu de sejo em relação a nós se realize: "Amem-se uns aos outros como Jesus Cristo os amou. Que não haja entre vocês senão um só coração e um mesmo espírito". Nossas comunidades, como a de La Valla, são lares que ajudam cada membro a centrar sua vida em Jesus e a crescer no amor fraterno. Assim, a comunidade marista vai se transformando em um espaço de amizade, simplicidade, acolhida e vida evangélica a serviço da missão.

Também o Irmão Ernesto, Superior Geral, expressou esta ideia na **circular convocatória do XXIII Capítulo Geral "Lar para todos, rio de vida"**, que será celebrado nas Filipinas em setembro de 2025:

Como em N.D. de l'Hermitage, uma casa de janelas abertas, buscamos a luz do Espírito que toca nosso coração, favorece nossa conversão e nos encoraja a viver com alegria o dom da fraternidade para fazer de cada uma de nossas comunidades e obras maristas um "Lar para todos": irmãos, leigos e leigas, crianças, jovens, famílias, visitantes... É a ocasião para imaginar a reconstrução de um "Novo Hermitage" nos nossos dias...

A alegria e o espírito de família, característicos do estilo marista, herdámo-los das experiências dos primeiros Irmãos com Marcelino. Em "Pai de Irmãos" ("Padre de hermanos"), Federico-Andrés Carpintero reúne algumas dessas histórias. Por exemplo, a do Irmão Silvestre, que o Padre Champagnat carrega às cavalitas no cartaz deste ano letivo, numa declaração de vitalidade. O Irmão Silvestre, brincalhão, rebelde, amante de piadas e festas, contrasta com uma sociedade rígida e séria, onde o "bom religioso" deve manter a compostura e não mostrar as suas emoções, mesmo que levem a celebrar a vida. O Padre Champagnat é claro sobre isso e adverte os seus Irmãos mais novos que para ser um bom religioso é preciso ser positivo, engraçado, ter bom humor e ser empático.

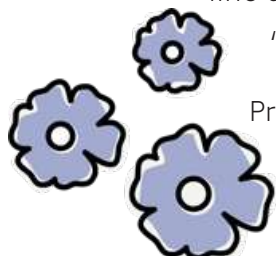
TRAVESSURAS (pág. 138-140)

O irmão Silvestre era bastante rebelde (aliás, até poderíamos dizer um pouco "selvagem", como o seu próprio nome já indica de alguma forma...) Pequeno de estatura, era travesso e bom, e tinha chegado à comunidade dos irmãozinhos de Maria quando tinha 12 anos. Marcelino amava-o.

Com um temperamento animado e inquieto, ele não conseguia ficar quieto e calmo, sem traquinices. Portava-se bem nas coisas importantes, mas nas outras....

Um dia, pegou num carrinho de mão e esteve a andar pelo quintal com ele, mas como isso era muito chato e pouco engraçado, ele entrou com o carrinho pela cozinha adentro, acabando por o levar como para as salas-de-aula e para a sala de estudo.

Alguns Irmãos contaram a Marcelino o que ele tinha feito. Como o conhecia bem, Marcelino disse-lhes:



"Tenho pena de ele só ter levado o carrinho de mão até ao primeiro andar. Se ele conseguir levá-lo para o sótão, eu dou-lhe um prémio. Prefiro que ele se divirta assim do que fique aborrecido. Além disso, não entendo que dano ele poderia ter causado com aquela travessura. Vocês também brincavam quando eram jovens. A culpa é vossa, por não brincarem com ele e o deixarem sozinho. Vocês só falam sobre estudos e coisas sérias. Como é que o nosso irmãozinho se poderia



divertir?

Porém, embora Marcelino o defendesse, o Irmão Silvestre não parava quieto e não deixava de fazer malandrices.

Certa tarde, ele escondeu-se na escada, esperando que um Irmão passasse. A escada tinha 40 degraus, não era fixa, e era feita de madeira. Quando ele viu alguém aparecer, começou a movê-la de um lado para o outro. O pobre homem que estava a subir estava a ficar cada vez mais ofegante e em pânico. Silvestre virou-se então para ver quem era sua vítima e ficou muito assustado quando percebeu que se tratava de Marcelino.

Outra das histórias que nos lembram da importância de celebrar a vida é a do irmão Estanislau. O Padre Champagnat e o Irmão Estanislau, perdidos na neve, veem as suas próprias vidas em perigo. Nada melhor para Marcelino do que colocar toda a sua confiança na Boa Mãe. Ele tem a certeza de que, se eles se voltarem para ela com devoção filial, poderão contar com sua ajuda e proteção. As suas vidas estão nas mãos de Deus e, com um final feliz como o deste episódio, sabem que celebrar a Vida é colocar-se nas mãos do Bom Deus e agradecer-Lhe por tudo o que Ele nos concede.

LEMBRAI-VOS (pág. 92-93)

O Irmão João Batista estava doente em Bourg-Argental. Marcelino decidiu ir visitá-lo, mesmo estando o meio do inverno. Tinha nevado. Após a visita, Marcelino quis voltar a La Valla. Com o Irmão Estanislau, o irmão que cuidava dos jovens que chegavam à comunidade, decidiu atravessar o Monte Pilat, com 1434 m de altura.

Eles estavam na estrada há 2 horas, subindo a montanha, quando se perderam.

Era impossível encontrar o caminho.

Um forte nevão batia-lhes na cara. O Irmão Estanislau não conseguia andar. Marcelino conduziu-o pelo braço. E disse-lhe: "Coragem, a Virgem ajudar-nos-á".

Depois de um tempo, o Irmão Estanislau perdeu a consciência. Marcelino deitou-o no chão cuidadosamente e orou a Maria:

"Lembraí-vos, Virgem Maria misericordiosa, que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que vieram à tua proteção e pediram a tua ajuda tenha sido abandonado...".

Quando terminou de orar, colocou o Irmão Estanislau de pé e tentou andar. As suas pernas mal lhes obedeciam. Ele não tinha ainda dado 10 passos quando viram uma luz próxima. Conseguiram chegar até lá e encontraram uma casa.

(Naquela noite, precisamente, ocorreu ao dono ir ver o gado passar pelo curral, sem usar a porta interna da casa que se comunicava com o estábulo.)

Marcelino e o Irmão Estanislau passaram a noite na casa daquela família. Estavam salvos.

Talvez seja no documento do Instituto Água da Rocha que se expressa mais claramente a importância de cuidar da espiritualidade para facilitar a fraternidade, ao mesmo tempo em que se dedica atenção ao cuidado da fraternidade, fortalecendo assim, ainda mais, a própria espiritualidade. Comunidade e espiritualidade alimentam-se mutuamente para gerar Vida.

Água da Rocha 118

Partilhar e celebrar a fé, orando juntos, é um poderoso meio de construir comunidade. Todas as vezes que nos reunimos para orar e celebrar juntos a Eucaristia, a nossa união com Jesus leva-nos à plenitude da comunhão connosco mesmos, com Deus, com os outros e com a criação. Quanto mais profundamente vivermos a vida quotidiana, mais significativas serão a nossa oração e as nossas celebrações litúrgicas.

Isto é especialmente importante se quisermos celebrar a Vida com maturidade e profundidade. Não se trata de festejar por festejar, nem de cair em atitudes forçosamente alegres. Certamente que o nosso mundo é complexo e há, nele, muita dor. Para celebrar verdadeira-



mente a Vida, não devemos omitir as suas áreas mais escuras.

Água da Rocha 125

Ao olhar a realidade atual do mundo, enchemo-nos de admiração e perplexidade. De um lado, celebramos a maravilhosa diversidade da natureza e sua sublime harmonia. Igualmente nos regozijamos com a rica diversidade cultural da humanidade... De outro, no entanto, estarrece-nos a violência e a insegurança, a pobreza e o desespero, a SIDA e a violência contra a infância, a degradação ambiental e a fome, o analfabetismo e a ignorância.

Bem enraizados na espiritualidade marista e cristã, seremos capazes de realizar a nossa missão em comunidade, prestando atenção aos que mais precisam e sendo testemunhas da Vida que Deus nos dá em abundância. Sem dúvida, um bom motivo para celebrarmos a Vida.

Água da Rocha 110

Como Irmãos e Leigos Maristas, procuramos desenvolver um espírito de comunhão que permita que as famílias, as comunidades religiosas e outras formas de vida comum se tornem lares onde os jovens sejam ajudados a crescer, os idosos sejam cuidados, os mais fracos sejam atendidos com especial carinho e onde abundem o unguento do perdão, para curar as feridas, e o vinho da festa, para celebrar tanta vida partilhada.

Água da Rocha 121

As comunidades multiculturais convidam-nos a participar da riqueza de outras tradições e crenças, a crescer no respeito e na tolerância e a celebrar a abundância da presença amorosa de Deus. Elas fornecem um testemunho especial contra qualquer tendência ao fundamentalismo, à xenofobia e à exclusão.





Uma viagem pelo cartaz

O cartaz deste ano está cheio de simbolismo e significado, sendo que cada elemento tenta transmitir uma mensagem profunda sobre a vida marista.

O Ciclo da Vida

O motivo circular no cartaz simboliza o ciclo da vida, uma representação da continuidade. O círculo pode lembrar-nos que a vida é uma viagem sem fim, cheia de momentos de alegria, aprendizagem e crescimento.

Espírito de Família

Na parte inferior do cartaz, encontramos uma imagem que simboliza o espírito de família. Esta não é uma família típica, mas que se destaca pela sua inclusão e integração. Aqui, todos são bem-vindos, refletindo os valores maristas de amor e aceitação.

A Mesa Partilhada: Um Vínculo com La Valla

A imagem de uma família reunida em torno de uma mesa evoca o modo como os primeiros Irmãos Maristas partilharam a vida em La Valla, partilhando não apenas comida, mas também experiências e fé.

A Vela: Luz e Tempo partilhado

A vela no centro da mesa tem um duplo simbolismo. Na fé cristã, representa Jesus como a luz que nos guia nas trevas. Além disso, a vela simboliza a passagem do tempo e da vida, mas um tempo e uma vida que são partilhados em comunidade.

As Três Violetas: Espírito de Maria

O espírito de Maria está presente nas três violetas que adornam o cartaz. Essas flores representam a humildade, a modéstia e a simplicidade, virtudes que Maria encarnou e que os Maristas buscam na sua vida diária.

Marcelino Champagnat

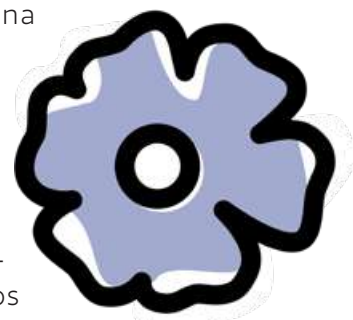
No centro do cartaz, encontramos a figura de Marcelino Champagnat, fundador dos Irmãos Maristas. A sua presença é uma recordação constante da sua herança e do seu ensinamento fundamental: «Para educar é preciso amar». Esta mensagem é destacada com um balão de fala e um coração, simbolizando amor e comunicação.

Celebração da Irmandade e da Simplicidade

O lema "Celebremos a vida" convida a comunidade a celebrar a fraternidade e a simplicidade. Marcelino Champagnat viveu e promoveu uma vida de atos simples, autênticos e inesperados, e esse espírito reflete-se no cartaz, na cena entre Marcelino Champagnat e o Irmão Silvestre. A celebração não precisa de ser grandiosa; os pequenos gestos da vida quotidiana são o que realmente dá sentido.

El Hermitage: 200 Anos de História

A imagem de L'Hermitage no topo do cartaz comemora o 200º aniversário da sua construção. Em 1824, Marcelino e os primeiros Irmãos





começaram a construir esta casa, que se tornou um símbolo significativo para todo o Instituto Marista.

Símbolos de Paz: Uma Mensagem de Esperança

Num mundo muitas vezes marcado por conflitos, o cartaz inclui símbolos de paz, como o gesto de paz nos dedos do jovem à esquerda e o ícone representativo da paz.

Espírito de Alegria: Confetis e celebração

Por fim, o espírito de alegria e celebração é representado com confetis e figuras festivas, como os tambores à direita. Esses elementos transmitem a energia e o entusiasmo de uma comunidade que celebra a vida com alegria e gratidão.

Estrutura do Cartaz

O cartaz divide-se em três partes principais:

- **Parte Inferior:** Destaca a celebração em torno de La Valla, simbolizando a base e as origens da comunidade marista.
- **Parte Superior:** Destaca L'Hermitage, que conecta o presente com a rica história dos maristas.
- **Parte Central:** Marcelino Champagnat, o coração do cartaz, unindo o passado, o presente e o futuro da comunidade marista.



Recursos mensais para trabalhar o lema

Setembro: Os preparativos da festa

Qualquer festa requer preparativos que nos permitam celebrá-la de uma forma mais especial e significativa. Neste ano que se inicia, no qual queremos celebrar a Vida, podemos começar por nos perguntar o que torna a nossa vida uma Vida única, autêntica e significativa

Outubro: Qualquer desculpa é boa para celebrar a vida com maiúsculas

A vida é cheia de oportunidades para comemorar e não precisamos de um motivo especial para o fazer. Estamos habituados a procurar sempre um bom motivo, sem parar para pensar que a nossa própria vida e a dos nossos entes queridos são o maior motivo de comemoração. Este mês, o convite é a encontrar alegria nos pequenos momentos do dia a dia e a celebrar conquistas, grandes ou pequenas.

Novembro: Toda a gente tem um lugar nesta mesa

Como seria a vida se todos vivêssemos e fôssemos iguais? Encontrar beleza na diferença é um sinal de fraternidade marista. Assim como numa grande família, todos nós temos um lugar neste mundo e devemos celebrar a nossa diversidade. Vamos prestar atenção a quem mais precisa, especialmente às crianças cujos direitos ainda não são respeitados.

Dezembro: Edezenbro: esperar e celebrar a nova vida que chega

Os nove meses de gravidez ensinam-nos a esperar. Estamos ansiosos pela chegada da Boa Nova, para a celebrar. Aprender a esperar ajuda-nos a valorizar a vida, não a tomando como garantida. Neste Advento, preparamo-nos para o Natal e olhamos para o futuro com esperança, ansiosos por novos começos e novas oportunidades.



Janeiro: Dar vida onde falta a paz

Dar vida onde a paz está ausente é celebrar a vida a partir do serviço aos outros. O nosso compromisso de ajudar os outros e trabalhar por um futuro melhor é a maior das celebrações. Neste mês de janeiro, neste ano que começa, somos chamados a ser agentes de mudança e a contribuir para um mundo mais justo e pacífico.

Fevereiro: Cuidar da vida para que não se perca

Todas as vezes que cuidamos de nós mesmos e daqueles que nos rodeiam, estamos a contribuir para que a vida permaneça. Neste mês, propomos um momento para parar e refletir sobre como cuidamos da vida das pessoas à nossa volta, daquelas com quem estamos realmente comprometidos. Porque a Vida é um presente que nos foi dado e somos responsáveis por cuidar dela.

Março: A vida oferece sempre uma nova oportunidade para celebrar

Às vezes podemos sentir-nos desmotivados, desvalorizados ou culpados. A Quaresma é um convite para nos reerguermos, para lembrar que podemos sempre encontrar beleza e alegria, e para reconhecer as oportunidades que a vida nos oferece e tudo o que podemos oferecer à vida.



Abril: Vida que transborda, vida que se torna celebração

A primavera chega e a vida transborda. Um passeio pelo campo permite-nos ver a exuberância da natureza e viver uma autêntica celebração. A vida é verdadeiramente um dom, um tesouro. Neste mês, celebraremos também a Páscoa de Jesus: vida em abundância que partilhamos em comunidade e promessa de Vida para todos.

Maio: Celebrar o quotidiano da vida

Uma carícia, uma palavra gentil, um sorriso de cumplicidade... Essas pequenas coisas que passam tão despercebidas, mas que tornam as nossas vidas mais felizes e agradáveis. A atenção aos detalhes e a capacidade de encontrar beleza na simplicidade são valores muito presentes na espiritualidade marista. Ao celebrar o quotidiano, estamos a cultivar uma atitude de gratidão e admiração. Lembremo-nos de Maria, mestre no cuidado dos detalhes e na celebração do quotidiano.

Junho: Agradecer o que se viveu, para o celebrar

Celebramos a vida reconhecendo tudo o que nos foi dado. Como maristas, celebramos o que recebemos de tantos educadores maristas, irmãos e leigos que deram tudo de si e continuam a fazê-lo. Quão afortunados nos sentimos por isso! Agradecemos a Deus e somos gratos por podermos viver uma vida plena e autêntica. E neste ano letivo que estamos a encerrar, por que coisas queremos dar graças?

